



O IMAGINÁRIO TECNOLÓGICO DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL II: REDE PÓS-MODERNA DE COMUNICAÇÃO?

Ms. Paula Jung Rocha

PPGCOM da PUCRS

Introdução

Pensar o imaginário tecnológico implica considerar a questão do desenvolvimento das técnicas de comunicação/informação e a sua relação com os fenômenos sociais. Cada fase do desenvolvimento tecnológico corresponde a uma certa característica principal. Na modernidade, o avanço tecnocientífico faz com que a humanidade alcance um nível de progresso sem precedentes, a chamada fase de conforto. Na contemporaneidade, período que pode ser também denominado como de transição da modernidade para a pós-modernidade, os caminhos tecnológicos já consagrados tomam rumos diferentes. Passados os primeiros momentos de medo e fascinação diante da relação homem-máquina, vive-se, hoje, em um ambiente que comporta a socialidade e a tecnossocialidade. As novas tecnologias proporcionam, além do aspecto da ubiquidade, o nascimento da cibercultura (ou tecnossocialidade).

As redes de comunicação, estabelecidas como ideais da modernidade, a fim de ligar o mundo e suas partes, se efetuem, na contemporaneidade, também no ciberespaço, ampliando ainda mais a possibilidade de troca de conhecimentos e a democratização do direito de acesso à informação.

Em meio a esse contexto e à pertinência da reflexão sobre as novas tecnologias de comunicação e informação, a intenção deste trabalho – sua problemática – é compreender e explicar o imaginário tecnológico da segunda edição do Fórum Social Mundial como uma possível rede de comunicação pós-moderna.

Uma vez que se acredita na possibilidade da concretização do evento se dar em função de uma retribalização de grupos da sociedade através do desenvolvimento das redes de



comunicação, o interesse desta pesquisa é o de investigar a importância da questão tecnológica nos espaços (texto e contexto) do Fórum.

Analisa-se o imaginário tecnológico do FSM II¹ a partir do discurso proferido nas conferências relacionadas à temática das tecnologias de comunicação e dos ambientes de socialidade e de tecnossocialidade, observados nas práticas e nas formas dos grupos que participaram do evento.

Sendo este evento uma manifestação da diversidade de grupos da sociedade civil, que tem por unidade valores políticos e ideológicos, ocorrido numa época de intensa globalização das relações mundiais, faz-se necessário reconhecer uma nova maneira de “estar-junto” na contemporaneidade. Agregação de indivíduos a partir de uma ordem que parece privilegiar as coisas próximas, domésticas (ideal comunitário) em um ambiente de emoção, sentimento em relação ao outro, tanto no plano presencial quanto nos encontros virtuais proporcionados pela disseminação de imagens e de contatos no ciberespaço.

Principalmente, o resgate dos valores arcaicos (tribalismo, imaginário, lúdico, onírico), os quais não foram, de todo modo, anulados pelo racionalismo moderno, estão sendo revalorizados na contemporaneidade. Isso se verifica nas práticas de socialidade e tecnossocialidade, que contemplam as relações sociais que se efetuam a partir de identificações plurais e momentâneas, em nível presencial ou através da mediação tecnológica.

O fundamento metodológico desta pesquisa encontra-se no paradigma da Complexidade e na Sociologia Compreensiva, porque somente os princípios que entendem a dialógica e a autonomia/dependência dos fenômenos contemporâneos desenvolvidos por Morin cruzam-se com a razão sensível na qual debruça-se Maffesoli para explicar e compreender o resgate de valores arcaicos, não-rationais, irracionais, não-lógicos e ilógicos que se cristalizam na contemporaneidade.

Com a intenção de se aproximar do objeto de estudo, utiliza-se a técnica de observador participante, a fim de se estabelecer uma atitude de simpatia e de descrição das formas encontradas por ocasião da segunda edição do Fórum Social Mundial, do dia 31 de janeiro a 5 de fevereiro de 2002. Durante os seis dias do acontecimento, passou-se pelo local de maior concentração de atividades, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



ocorreram as principais conferências, seminários, oficinas, pronunciamentos e passeatas, assim como pelo palco de *shows* na orla do Guaíba e também pelo Acampamento Intercontinental da Juventude.

Essas experiências levaram ao questionamento a respeito do ambiente de afetividade e de diversidade que se captava nas aglomerações de sujeitos de distintas raças, etnias, religiões, gêneros, com múltiplas propostas, ao mesmo tempo em que se notava a presença considerável de aparatos tecnológicos, que estavam ali justamente para mediar e transmitir as relações que se davam em plano presencial para o universo virtual, sobretudo o ciberespaço.

Através da análise desse ambiente de socialidade e tecnossocialidade, e ainda com a abordagem do discurso sobre as tecnologias de comunicação proferido nas conferências selecionadas, pretende-se verificar se é possível considerar o imaginário tecnológico do Fórum Social Mundial II como uma rede de comunicação pós-moderna.

A insustentável leveza da modernidade

Em uma época de polêmicas, envolvendo a criação de clones humanos e a produção de alimentos transgênicos, celebra-se o avanço nas pesquisas de mapeamento do código genético e participa-se da maior expansão tecnológica do homem sob Terra e no seu entorno. Iniciada a partir do desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e de informação, a Internet, um dos principais expoentes da geração cibernética, surge dentro dos redutos militares, se consagra como rede de comunicação e torna-se um elemento fundamental a influenciar o imaginário da sociedade pós-moderna.

Todavia, frente a esses progressos tecnológicos, muito importantes para a “evolução” da humanidade, ainda não se conseguiu resolver os principais problemas que atingem grande parte da população mundial e que só tendem a aumentar as desigualdades entre ricos e pobres. A fome, os conflitos étnicos, religiosos e territoriais, responsáveis pelas mortes de milhares de civis, a falta de moradia e de saneamento básico, a ocorrência de doenças epidêmicas e endêmicas, as catástrofes ecológicas, etc., são alguns dos exemplos que evidenciam o atraso social por que se passa.

¹ Abreviação para Fórum Social Mundial II.

Diferentes sistemas políticos e dogmatismos ideológicos mostraram, durante o século passado, e continuam a provar na atualidade, a carga de insuficiência que trazem consigo. Na tentativa de reagir a essa situação de impasse e de falta de resoluções concretas, a sociedade se reúne em grupos menores e propõe que os cidadãos criem seus próprios movimentos: redes de comunicação para defender seus interesses, causas e direitos, movidos por um ideal comunitário². Um sentimento de cidadania planetária parece aumentar conforme o crescimento da globalização, fato que vem confirmar a ambivalência por trás das relações contemporâneas.

Contextualiza-se o Fórum Social II dentro do período em que se vive, o qual se entende como um tempo marcado pelo avanço da globalização, guiado, principalmente, por uma ordem econômica dita neoliberal e com caracterizações que remetem à chamada condição de pós-modernidade.

Maffesoli (1995) tem uma opinião coerente sobre a impossibilidade de se explicar o mundo de hoje com os olhos voltados ao passado, tempo esse deveras comprometido com as filosofias econômicas. Para ele, as transformações, ocorridas principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, trazem à tona as incertezas de um mundo sedimentado apenas em estruturas racionais.

Com a falência dos discursos modernos, que prometiam um mundo redentor, aliada à velocidade das inovações técnicas, o homem contemporâneo procura relacionar a sua vida a preceitos presenteístas (culto ao hedonismo, valorização do doméstico, barroquização da existência, vínculo comunitário, imersão no universo das redes tecnológicas de comunicação, prevalência da estética, resgate dos valores dionisíacos, lúdicos, oníricos, etc.) porque parecem ser mais condizentes com o estilo de vida atual³, o qual agrega o racional, o irracional, o não-racional, o lógico, o não-lógico e o ilógico.

Faz-se pertinente compreender um momento ímpar na história, que acontece com a passagem da modernidade para a pós-modernidade, e considerar os indicativos de uma época em transição. Na efervescência das variáveis contemporâneas, se manifestam as cristalizações

² Conceito proposto por Michel Maffesoli (*A conquista do presente*, 2001) para tratar do vínculo sentimental que reúne os grupos, as comunidades nas sociedades.

³ Lembra-se que o estilo de vida atual, denominado por alguns autores como pós-modernidade, é apenas uma etiqueta, um rótulo que serve de denominação para um estado de coisas que se apresenta na contemporaneidade. Não há nenhum rigor em afirmar por que se valorizam determinados valores, mas sim em constatar tal evidência.



sociais, tecnológicas, políticas e econômicas, que constituem as formas “formantes” que influenciam o fundo e o imaginário da atualidade.

O imaginário pós-moderno

Este novo tempo que se apresenta aos olhos, às telas, aos monitores, aos *paggers* e às máquinas fotográficas digitais contempla as gerações *shopping centers*. Os espetáculos musicais e esportivos transmitidos ao vivo para a população mundial, as mobilizações para salvar a natureza da ambição progressista, os jogos eletrônicos, as paradas GLS, as salas de conversas no ciberespaço, os clones, o sexo virtual, o turismo ecológico, os correios eletrônicos, as *raves*, as eleições *on-line*, a revalorização do místico e do oriente, etc., são indícios da retomada do imaginário, do lúdico, do onírico e do coletivo na contemporaneidade.

O resgate desses valores, até então tidos como primitivos, acompanha o ritmo e o descompasso desse novo tempo que se apresenta. Uma das explicações para a reinvestida em atitudes e comportamentos deveras comprometidos com o sentimento pode estar relacionada com o fato de que a modernidade esgotou a valorização econômica a ponto de fazer com que uma potência social, “de maneira caótica, exprimindo-se, por vezes, nos excessos, por vezes na indiferença, na ironia ou na derrisão” (MAFFESOLI, 2001a: 19), inicie um processo de renascimento na pós-modernidade.

“Após mais de dois séculos de dominação econômico-política” (MAFFESOLI, 1995: 12), a contemporaneidade sinaliza a falência dos valores modernos para compreender e explicar os fenômenos sociais que se estendem para além das fronteiras do instituído. Mesmo que o *establishment* se esforce para frear qualquer reação, não há como negar que “o destino do mundo mudou” (MORIN, 2001: 59).

A passagem do tempo medieval, de caráter estático, para a modernidade, se observa a partir de uma profunda transformação dinâmica, com o desenvolvimento dos meios de transporte e dos meios de comunicação. Já a pós-modernidade reflete um tempo, chamado por Maffesoli (2001a) de einsteinizado, ou seja, relativizado, preocupado com o presente, um *carpe diem*. O prazer não é mais adiado para hipotéticos “amanhãs cantantes”, é vivido bem ou mal hoje. Daí também o hedonismo contemporâneo.



Marca da modernidade, o individualismo perde espaço no momento em que se reconhece que o homem não é o senhor do universo. O reordenamento social aponta para o reconhecimento do outro a partir de uma identificação de afetos e interesses compartilhados. Os indivíduos se aproximam com a intenção de se solidarizar com a causa do outro. O laço social passa a ser emocional. O contrato não vale para confirmar uma identificação que pode ser passageira e múltipla. “Não é mais a autonomia – eu sou minha lei – que prevalece, mas a heteronomia: minha lei é o outro”. A decepção político-econômica leva à revalorização das coisas domésticas, da proximidade (MAFFESOLI, 2001a: 25).

Aceitar a condição de pós-modernidade implica considerar diversos aspectos que a caracterizam. Ao estabelecer que há realmente uma alternância do dado social, é necessário estudar os fatos que conduzem tal mudança, os quais podem ser analisados através dos fenômenos culturais refletidos a partir de uma dimensão não-racional presente na sociedade, chamada de imaginário. Fala-se em imaginário e cultura porque são estes elementos, segundo Maffesoli (1995), que produzem e interagem com a concepção de mundo que se tem em cada época.

Quanto à falência dos grandes temas explicativos da modernidade: Estado-Nação, instituição, sistema ideológico, Maffesoli (2001a) constata na pós-modernidade a prevalência, sobretudo, de três aspectos: o retorno do local, a importância da tribo e a bricolagem mitológica.

O local seria o “primeiro indício da heterogeneização galopante que percorre as nossas sociedades” (MAFFESOLI, 1996: 49). Pode-se reconhecer a importância desse valor através de diferentes discursos sociais que remetem a termos como país, território e espaço, caracterizando assim uma espécie de identidade planetária. Observa-se a repetição desses termos quando se fala tanto em relações em nível global quanto na ênfase ao que está próximo, à comunidade, à tribo da qual se faça parte. Nestes casos, o lugar serve como vínculo. Como diria Morin, “é preciso contextualizar e não apenas globalizar” (2001: 49).

A retomada do local é um dos pontos principais tratados pelas conferências do FSM II. Principalmente os encontros de povos considerados marginalizados – africanos, índios e muçulmanos – indicam a importância da dimensão da localidade, a qual já se sabe que pode causar transtornos de ordem global. Das misérias do Terceiro Mundo aos ataques nucleares e atômicos, os efeitos locais invadem o “civilizado” Primeiro Mundo. Algumas manifestações



observadas no FSM II demonstram que “tudo isso se exprime de uma maneira mais ou menos paroxística, porém, em todos os casos, existe algo do transe antigo, que tinha essencialmente por função reforçar o estar-junto daqueles que participavam dos mesmos mistérios” (MAFFESOLI, 1995: 16).

Frente ao ideal democrático, abalado pela força da sua própria natureza, o autor questiona se não está sucedendo um ideal comunitário na contemporaneidade. “O ideal comunitário dá novamente sentido aos elementos arcaicos, que se acreditavam totalmente esmagados pela racionalização”, de modo a incitar que as pessoas se reúnam em prol de causas diversas, desde fanatismos religiosos, reivindicações lingüísticas, apegos aos territórios, até as ondas de consumistas que se observa nas megalópoles, que mais parecem ser construídas a partir de *shopping centers* (MAFFESOLI, 1995: 56).

A multiplicação de organizações não-governamentais, de programas midiáticos solidários, de concertos pelas grandes causas humanitárias, de eventos como o Fórum Social Mundial e, considerando-se a atração, a adesão e a repulsão que promovem, indicam a prevalência do ideal comunitário que se expande na atualidade a partir da diversidade de grupos que se manifestam.

Essa homossocialidade é vista na sociedade a partir de um movimento que exclui e atrai, criando assim várias tribos, que por motivos distintos compartilham o mesmo sentimento. No Fórum Social Mundial II há uma amostra desse universo, que comporta, ao mesmo tempo, uma homogeneização e, por outro lado, a heterogeneização de grupos, que são obrigados a “estar em co-presença, gerando uma forma de simpatia universal, *strictu sensu*, experimenta-se em conjunto” (MAFFESOLI, 1995: 55).

O caráter plural da contemporaneidade está representado de diversas formas no FSM II, no momento em que se reconhece a força coletiva, no caso a sociedade civil fragmentada em várias tribos, que promovem a convivência de idéias estranhas.

A bricolagem mitológica trata dessa estrutura social articulada com o ressurgimento das tribos a partir da constatação da decadência das grandes ideologias, uma vez que as ideologias na contemporaneidade passam por um momento de transfiguração.

Numa perspectiva fenomenológica, que analisa o que é e não o que deveria ser, Maffesoli (2001) considera o cotidiano como o lugar a partir do qual se fundam os vínculos



sociais. O autor demonstra que o cotidiano como lugar da recriação de si e da manutenção da identidade permite a resistência, que perdura apesar ou contra toda a mitologia progressista.

Em oposição a este pensamento, encontra-se Jean Baudrillard (1997). O período contemporâneo define-se como uma era pós-orgiástica, no qual a sociedade convive na simulação de um mundo real. A passividade da massa é vista pelo autor não como uma astúcia, mas como reflexo de um total sentimento de neutralidade e de vazio que invade o indivíduo e a sociedade.

Baudrillard inclina-se mais para uma herança de pensamento na tradição crítica de Guy Debord, o qual afirma que o reinado da aparência, definidor da contemporaneidade, apresenta-se como uma dimensão alienante do *modus vivendi* social. A espetacularização da cultura, da economia, da arte, enfim, da vida humana como um todo, tem no circuito da mídia sua principal vitrine.

Maffesoli (1996) reconhece a forma lúdica e o resgate dos valores dionisíacos na contemporaneidade quando diz que a própria sociedade torna-se um jogo de simulação a partir da intensidade dos jogos eletrônicos, da flutuação das bolsas econômicas e das encenações políticas. O hedonismo mundano é o prazer de estar-junto, cujo destaque se dá através do jogo das imagens e da sua disseminação virótica. A lógica da teatralização pós-moderna, na qual as *personas* utilizam múltiplas máscaras, está na ordem do dia, dentro de um tempo que se identifica através da ética e não da moral. Segundo o autor, a moral é universal e aplicável em todos os lugares e em todos os tempos. Já a ética é particular, às vezes momentânea, que fundamenta uma comunidade e elabora-se sobre um território dado, seja ele real ou simbólico (MAFFESOLI, 1996).

Não se pode afirmar que o Fórum Social Mundial se caracteriza, hoje, como uma tendência. O que se observa é que o *imprinting* cultural está sendo atingido de modo considerável. A cada edição do evento, mais pessoas sentem-se comprometidas com as propostas defendidas nos debates e nas conferências. O calor cultural mobiliza os indivíduos à participação, devido ao seu apelo social. Não há como não se identificar com pelo menos algumas das atividades desenvolvidas ao longo do Fórum. A complexidade está justamente em ampliar e questionar as visões/concepções do mundo através de um olhar contemplador de todos os aspectos da humanidade.



Pode-se dizer que a pós-modernidade não comporta apenas a existência de um grande sistema político ou de uma ideologia totalitária. Essa efervescente realidade contemporânea proporciona a convivência de valores contraditórios. Sendo o FSM II uma das formas dessa expressão da caracterização pós-moderna de existência, este espaço não poderia excluir a multiplicidade e a polissemia das diversas tribos que o compõem. O “estar-junto” de todas as tribos contribui para a reformulação do *imprinting* cultural e da construção do imaginário a partir destas distintas realidades, que convivem harmonicamente dentro de sua lógica interna.

Esse equilíbrio pode ser resultado da astúcia da massa, que participa da tragédia da vida conforme as ondulações do caos e da tranquilidade, como lembra Maffesoli (1995), ou, ainda, esse comportamento aparentemente inerte evidencia a indiferença, o vazio das massas, conforme diz Baudrillard (1990). Duas versões que também não se excluem.

Uma vez que se coloca diante do homem contemporâneo um futuro aberto a múltiplas possibilidades, pode-se dizer que o Fórum Social Mundial apresenta nuances de um vitalismo societal (MAFFESOLI) que se sobressai, durante alguns momentos, em relação à passividade geral da massa (BAUDRILLARD). “Do pessimismo moderno, os adeptos de uma espécie de pós-modernismo ilustrado pretendem refabricar o otimismo. Desse modo, reintroduzem o culto da esperança, onde, possivelmente, só existam incertezas” (SILVA, 1991: 17).

Nota-se a emergência de um novo “estar-junto” baseado na ética da estética, uma espécie de simpatia em relação ao outro. A emoção é vivenciada coletivamente, dentro de um ambiente afetivo, cujos “prazeres e penas são experimentados em comum” (MAFFESOLI, 1995: 76), seja através de manifestações presenciais (shows, greves, passeatas, reuniões), ou a partir da disseminação do uso das tecnologias do imaginário (televisão, rádio, cinema, Internet, publicidade, etc.), os quais transmitem imagens e eventos que passam a ser compartilhados coletivamente. Como o próprio nome indica, são as mensagens – imagéticas, sonoras e textuais –, divulgadas através das tecnologias de comunicação, elementos fundamentais na construção do imaginário.

Fala-se, neste caso, principalmente da valorização da imagem, renegada durante a modernidade, hoje resgatada e tida como vetor religante e vínculo de comunhão. De modo que o ressurgimento comunitário (no aspecto de tribalismo) observado na contemporaneidade, do qual o Fórum Social Mundial pode ser um exemplo, passa a formar-se a partir de “um conjunto de imagens, que por acréscimos sucessivos chegam a constituir uma consciência



coletiva” (MAFFESOLI, 1995: 33), fazendo com que a cada edição do evento aumente o número de participantes, ouvintes e também de jornalistas, os quais acabam por alimentar o imaginário e, conseqüentemente, por interferir na ”consciência coletiva” através da divulgação de notícias e imagens.

Ao tomar como referência a teoria de Maffesoli sobre o processo de tribalização, do qual se falou no primeiro capítulo, no qual se viu que os indivíduos da sociedade contemporânea procuram agregar-se a grupos pelos quais possuam algum tipo de sentimento, de afinidades afetivas, e também levando-se em consideração a argumentação de McLuhan e Lévy sobre o aspecto de retribalização da humanidade a partir do desenvolvimento tecnológico dos “meios frios”, poderia-se especular se o acontecimento do Fórum Social Mundial não se dá exatamente em função de um tribalismo urbano político deflagrado na contemporaneidade (pós-modernidade), devido à influência do imaginário tecnológico.

Supondo que a profecia de McLuhan esteja mais do que nunca se concretizando em termos de estruturas tecnológicas, deve-se pensar a respeito do papel fundamental das tecnologias do imaginário na busca de estabelecer uma consciência coletiva universal na imensa aldeia global que é o planeta Terra. “Sentimo-nos planetários por *flashes*. É assim que existe a ‘aldeia global’ de McLuhan – unida e dividida como uma aldeia, atravessada de incompreensões e de inimizades como uma aldeia” (MORIN, 2000: 42).

O imaginário tecnológico do Fórum Social Mundial II

Tendo como ponto de partida a definição provisória de que a pós-modernidade poderia ser “a sinergia de fenômenos arcaicos e do desenvolvimento tecnológico” (MAFFESOLI, 2001a: 21), acredita-se que os dois enfoques possam contribuir para o aprofundamento da questão envolvida com o imaginário tecnológico do FSM II, como uma possível rede de comunicação pós-moderna.

Uma vez que “a relação entre tecnologia e a sociedade se dá sempre num caminho de influências bidirecionais. Os imaginários social e tecnológico se constroem através de interferências mútuas e complexas” (LEMOS, 2002: 225), pretende-se relacionar a temática da tecnologia com o ressurgimento do tribalismo contemporâneo, sobretudo a emergência de clãs políticas que promovem aspectos de uma tecnossocialidade, visto que, além dos



encontros presenciais, os grupos participantes do FSM utilizam meios tecnológicos para estabelecer redes de comunicação.

Socialidade e tecnossocialidade no ambiente do FSM II

A atmosfera de celebração às causas humanitárias faz-se presente no mundo contemporâneo. Seja através de programas de televisão, *shows* artísticos, festas beneficentes, grandes eventos, etc., há quase que permanentemente a divulgação de campanhas de solidariedade envolvendo ações da mídia e da sociedade civil. De acordo com Maffesoli (1995), essa atmosfera de “afetividade” demonstra que está havendo um reencantamento do mundo, que se acreditava anulado devido à repercussão de uma série de fatos que abalou a humanidade nos últimos cem anos, sobretudo as duas guerras mundiais.

Valores arcaicos e não-lógicos, como tribalismo, retorno ao local, ideal comunitário, bricolagem mitológica, imaginário, onírico, lúdico, indicam que o racionalismo não predomina nas relações contemporâneas e, assim sendo, os fenômenos sociais (o FSM II pode ser um exemplo) refletiriam o nascimento de um estilo estético que contemplaria tais valores.

Mesmo ao se considerar as opiniões divergentes dos autores sobre a proliferação de campanhas de solidariedade na atualidade, não há como negar a chamada atmosfera de reconhecimento do outro que se faz realidade na contemporaneidade, sobretudo no Ocidente, a partir do desenvolvimento das tecnologias de comunicação, as quais disseminam informações e mensagens para todo o mundo, via satélite, a cabo, por fibra óptica.

O Fórum Social Mundial, movimento organizado por grupos da sociedade civil, é uma manifestação dessa recorrência às práticas e aos discursos que envolvem o reconhecimento do outro e que, por isso, trata de divulgar nos seus espaços (presencialmente ou virtualmente) a necessidade de se aceitar a diversidade, não apenas de religiões, mas principalmente de outras concepções de mundo.

Morin diz que a realização do Fórum Social Mundial pode ser considerada como uma rede de comunicação, uma vez que, sendo um espaço para debates, o *imprinting* cultural dos sujeitos acostumados a uma certa visão de mundo, teria a chance de resistir a imposições



exteriores, buscando assim participar e interferir naquilo que não lhe parecer correto⁴. Os assuntos, antes restritos aos experts, seriam compartilhados com os cidadãos. Uma questão de democracia, sugere o autor.

Na noite de abertura do evento houve a conexão *online*, através da Internet, com Nova York, por ocasião do acontecimento simultâneo do Fórum Econômico Mundial⁵. Com a instalação de um telão, o público presente no anfiteatro pôde acompanhar a realização do encontro virtual. Mesmo com algumas dificuldades de transmissão (interferências e perda da conexão por alguns instantes) e também de tradução simultânea, pois os correspondentes em Nova Iorque não falavam português, a conversa no ciberespaço agradou a multidão, que vibrava com as suas declarações.

Com a referida passagem, pode-se constatar que a socialidade observada no evento de abertura se deslocou também para o espaço virtual, através da Internet, indicando, dessa forma, a emergência da tecnossocialidade, que se aproxima do termo cibercultura, descrito por Lévy, no segundo capítulo do trabalho, como aquelas relações sociais que se efetuam no ciberespaço.

A intermediação técnica não impediu que a emoção e o reconhecimento do outro, sentimentos dos grupos presentes, fossem anulados a partir da interferência dos aparatos tecnológicos. Pelo contrário. A partir do encontro no ciberespaço, pessoas de todo o mundo puderam assistir simultaneamente à transmissão, congestionando por alguns instantes a rede e causando, assim, freqüentemente, a perda da conexão.

Nota-se a prevalência do imaginário dionisíaco (sensual e tribal) nas práticas do FSM II. E são exatamente as novas tecnologias que vão desempenhar um papel muito importante nesse processo. Ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, elas vão agir como vetores potencializadores dessas situações de socialidade. Uma vez que se torna difícil reunir um grande número de pessoas de diversas nacionalidades num local, as redes telemáticas são recursos que viabilizam o projeto de aldeia global, sonhado por McLuhan (1964). Ao menos por alguns, instantes as barreiras geográficas e espaciais são anuladas pela intervenção de conexão em tempo real.

⁴ Resposta de Edgar Morin à pergunta feita por Paula Jung Rocha, por ocasião do Seminário Internacional de Comunicação realizado em setembro na PUCRS.

⁵ Sabe-se que a ocorrência dos eventos deu-se porque partiu dos organizadores do primeiro Fórum Social Mundial estipular a data de acordo com o Fórum Econômico Mundial, inicialmente sediado em Davos, na Suíça.



A cibercultura não tem por objetivo isolar indivíduos, porque nela atua socialidade. O mesmo raciocínio se estende para a tecnossocialidade, que parece colocar a tecnologia contemporânea “como instrumento de novas formas de socialidade e de vínculos associativos e comunitários” (LEMOS, 2002: 86).

Destaca-se que o Fórum Social Mundial utiliza-se muito das novas tecnologias para ampliar os seus horizontes. Além do aspecto de sociabilidade, relações objetivas e racionais que se dão entre indivíduos e grupos na rede e presencialmente, os quais estão ligados a interesses mais contratuais – engajados efetivamente em determinadas causas –, a socialidade, cuja efervescência se dá a partir de identificações passageiras e diversas, também se faz presente nas relações contemporâneas, até mesmo no contexto do FSM II.

O que originalmente era restrito a uma minoria engajada, poderia estar, naquele momento de acontecimento presencial do FSM, sob os holofotes da mídia que está a cobrir o evento e, assim, amplia-se a consciência coletiva da qual fala Maffesoli (1995).

As diversas entidades, ONGs e demais segmentos da sociedade civil que participaram dessa segunda edição do FSM estabelecem uma rede de comunicação através da Internet anterior e posterior à concretização do evento presencialmente. O próprio *site* do FSM – www.forumsocialmundial.org.br – é o principal veículo de informações a respeito das atividades relacionadas ao evento. As inscrições, propostas para oficinas, os endereços eletrônicos das entidades organizadoras do Fórum, são disponibilizadas aos cidadãos a partir do *site*.

Localizado próximo ao anfiteatro, no parque da Harmonia, estava armado o Acampamento Intercontinental da Juventude. Num ambiente descontraído e informal, jovens de diversas nacionalidades, que vieram participar do FSM II, se acomodaram em barracas e espaços de lazer para trocar experiências de vidas. Na roda de chimarrão, proporcionada pelos gaúchos, jovens africanos, franceses, italianos, finlandeses, entre outros, trataram de assuntos variados. O *software* livre é de interesse de muitos. A palestra sobre esse assunto é realizada primeiramente nas acomodações do acampamento. O acampamento foi um dos locais que mais representou as características de festa, orgia, tribalismo e bricolagem mitológica, argumentadas por Maffesoli como vínculos comunitários que agregam as pessoas e aumentam o desejo de estar-junto na contemporaneidade.

Com essa constatação, não se pretende desqualificar os milhares de indivíduos que se acomodaram no acampamento e os visitantes que passaram por lá, mas enfatizar que, embora se possa dizer que havia uma razão de cunho político e ideológico para se estar lá, muitas reuniões e atividades demonstravam que aspectos de ordem não-lógica e não-racional pairavam sob suas atitudes, uma vez que se observavam encontros festivos que aconteciam paralelos aos encontros, ditos científicos.

Um dos motivos que poderiam explicar o grau de envolvimento dos participantes do acampamento implica reconhecer que muitos deles, estudantes de várias regiões do país e do mundo, já haviam trocado alguma experiência anterior a partir da conexão ao *site* www.acampamentofsm.org.br, que tem por objetivo organizar previamente o acampamento. Igualmente no decorrer do ano de 2002 o *site* continuou com suas atividades na rede, de modo a estender seu trabalho para a edição de 2003. Também, o destaque de suas atividades levou o Acampamento Intercontinental da Juventude a receber cotas de patrocínio, com a finalidade de melhorar as condições da área que abrigaria os próximos visitantes.

A celebração do presente é observada no FSM II, nos vários pontos nos quais tem-se o encontro de participantes das mais diversas causas. Pode-se até mesmo afirmar que o sentimento dos delegados (pessoas inscritas com antecedência ao evento através do *site*) condiciona muitos outros indivíduos ao sentimento de uma espécie de solidariedade com as necessidades e lutas alheias. A atração ou a repulsão demonstram como o conglomerado de pessoas suscita paixão ou aversão, enfim, um tipo de emoção. Um ambiente com variados elementos distintos é um cenário comum à pós-modernidade, a qual aceita a convivência dos contraditórios.

Pretende-se esclarecer que o FSM II pode ser um espaço de celebração do presente em busca de um mundo melhor que se tenta construir a partir de reflexões que possam indicar os motivos pelos quais este modelo, que parece restringir o pensamento contemporâneo, não conseguiria mais explicar a realidade atual. O “estar-junto” se torna essencial para que o movimento possa atingir um maior número de pessoas, ao afetar a sensibilidade do cidadão que se sente parte integrante de determinada causa, buscando o reconhecimento do outro.

Com isto não se pretende afirmar que o FSM II não possui valores políticos e ideológicos fortes. Reconhece-se o predomínio da esquerda no ambiente do Fórum; todavia, este trabalho salienta que não apenas os cidadãos simpáticos à esquerda participam do Fórum.



Multiplicam-se as identidades culturais quando se pode ser, simultaneamente, um indivíduo descontente com a economia mundial, um militante homossexual, um defensor da ecologia, um negro, um muçulmano, uma mulher asiática, um favorável à utilização do *software* livre, etc., levando muitas vezes a não se ter uma causa maior para se engajar no movimento, e sim muitas, ou ainda nenhuma. O sentimento de solidariedade em relação ao outro está presente e pode atingir quem, por uma razão ou outra, não tenha se envolvido com as manifestações.

O ideal comunitário surge na contemporaneidade para conviver com o instituído ideal democrático, decretado por Maffesoli (1990) como à beira do colapso, porque não consegue mais sustentar a polifônica e desordenada existência contemporânea.

Pode-se dizer que o FSM II comporta a convivência dos ideais citados. Há, realmente, quem esteja envolvido com os valores modernos, tratados no primeiro capítulo. No entanto, não há como negar a emergência do ideal comunitário (MAFFESOLI), visto por Morin (2000) como a consciência de uma identidade planetária que propõe que se tenha responsabilidade com os princípios e não somente com as coisas que regem o mundo.

As definições que servem para tratar da socialidade contemporânea, os miniconceitos desenvolvidos por Maffesoli auxiliam na compreensão da dinâmica que permeia o processo da sociedade entre as formas e os conteúdos. Uma vez que há interação, ou seja, as formas são formantes, acredita-se que as formas descritas como cristalizações de comportamento na contemporaneidade indicam a consolidação de um estado de coisas, que não se limita mais à denominação de modernidade.

Discurso tecnológico do FSM II

Ao analisar o discurso referente às conferências realizadas no Fórum Social Mundial II, destaca-se a importância do imaginário tecnológico, principalmente da questão da comunicação, na elaboração das propostas proferidas.

Uma vez que se observa a relevância dos meios de comunicação na construção de uma imagem coletiva, que devolve à humanidade o espelho ou a extensão dela mesma, como afirmam Maffesoli (1990) e McLuhan (1964), pode-se pensar a respeito da disseminação de um pensamento dominante (dito neoliberal e globalizado) através, principalmente, da



repercussão das tecnologias do imaginário, que estão intensamente presentes na contemporaneidade.

No entanto, as novas tecnologias, sobretudo a Internet, parecem possibilitar uma contracorrente à divulgação da idéia que favoreça apenas aos ideais de um pensamento único. Tal como se observa na argumentação de Lévy (2000), essa idéia é amplamente discutida pelas conferências realizadas no FSM II.

Ao inverter a ordem entre emissor e receptor, a Internet torna viável que a mensagem seja elaborada e transmitida a partir de qualquer terminal de computador que esteja em conexão com o ciberespaço, eliminando, assim, qualquer direcionamento a priori estabelecido. “A circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos) e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos)” (LEMOS, 2002: 73). Sendo assim, o FSM, que afirma não ter muito espaço na mídia tradicional para divulgar seus pontos de vista, utiliza-se do ciberespaço para fazer circular sua contra-informação.

A preocupação do Fórum Social Mundial II com a temática da comunicação reflete-se nos documentos que pertencem ao Eixo III – A afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos, nas seguintes conferências: Democratização das comunicações e da mídia: foco e amplitude, Otro mundo solo será posible com otra información e Produção cultural, diversidade e identidade, as quais analisam a situação contemporânea da mídia, principalmente o papel das novas tecnologias e o seu relacionamento com os cidadãos.

Nestas conferências são salientados alguns pontos que devem ser discutidos para se compreender a atual configuração do espaço comunicacional, que se converte, segundo o texto, no “paradigma do futuro”, ou seja, “na sociedade da informação”, devido à importância que a comunicação e a informação, tidas como mercadorias dentro de um mundo globalizado, têm na sociedade contemporânea.

Conforme o documento, a informação é fundamental para o funcionamento da democracia. “Numa era de reestruturação global dos meios de comunicação em escala sem precedentes, com a propriedade da mídia concentrando-se em poucas mãos, o acompanhamento crítico da mídia torna-se um elemento central da democracia”. Salienta-se ainda a importância da comunicação no processo de globalização, pois quem tem controle sobre a transmissão da informação, do conhecimento e da infra-estrutura tem uma forte influência sobre o desenvolvimento social, cultural e político.

O mundo tornou-se uma enorme rede com diversos links estabelecidos a partir da inserção desses novos *media* e, também, com a permanência ampliada dos antecessores. O ser humano passa a se afogar no turbulento oceano de informações e de comunicação sem, muitas vezes, entender o efeito que acarreta no seu imaginário. A sua vida passa a estar em conexão, se quiser, 24 horas por dia, condicionando, por sua vez, o avanço do pensamento dominante, porém aberto às possibilidades de proliferação de uma contra-informação que se faz possível com a Internet.

O fato de megacorporações converterem a informação em mercadoria, com conteúdo homogeneizado e acesso restrito a uma minoria branca do norte, é advertido pelas conferências, que insistem na busca de um modelo alternativo de comunicação baseado na divulgação de informações, sem a censura do oligopólio das empresas de comunicação. Daí a importância da tecnologia digital, sugerida como o meio mais eficiente contra essa imposição e homogeneização comunicacional/cultural, visto que “a tecnologia digital proporciona uma dupla ruptura: no modo de conceber a informação (produção por processos microeletrônicos) e no modo de difundir as informações (modelo todos-todos)”. Fala-se até mesmo “de um domínio dos meios de produção pelo público” (LEMOS, 2002: 85), o que não seria um exagero constatar quando se observa a quantidade de usuários que se apropriam do (ciber)espaço para divulgar uma diversidade de idéias. Neste caso, os meios de produção, estão, em tese, disponíveis, com a ressalva de que se necessita de provedores e que se paga, na maioria das vezes, para se utilizar o serviço da Internet. Assim como nas televisões a cabo e abertas, nas emissoras de rádio, nos jornais e nas revistas se compram “espaços”.

Falou-se também sobre a proposta de construção de uma sociedade de informação baseada nos princípios de transparência, diversidade, participação e solidariedade que contemplem igualmente os gêneros, culturas e religiões, na qual todos teriam direito à comunicação. E, ainda, destacou-se o interesse na desarticulação da concentração política dos meios e dos sistemas de comunicação, incluindo o *software* livre e a produção de conteúdos.

Quando se constata que as conferências realizadas durante o evento indicam que o imaginário tecnológico do FSM II está aberto ao auxílio das novas tecnologias para divulgar a contra-informação, da qual se trata exaustivamente, pode-se pensar que a Internet não comporta atividades políticas, uma vez que se restringe, muitas vezes, o seu uso ao lazer, ao entretenimento e a serviços como *e-mail*. Todavia, o ativismo político é uma realidade para



muitos grupos e movimentos sociais, que contam com a rede como seu principal veículo de comunicação. Como lembra Lemos, “comunidades como Eco Net, PeaceNet, GreenNet e outras FreeNets pululam em todos os lugares do mundo” (2002: 157), fazendo com que a rede de comunicação se amplie cada vez mais no ciberespaço, assim como se acredita que ocorre com as idéias do FSM.

Segundo consta no documento a respeito da democratização da informação, o cenário contemporâneo comporta uma nova situação na relação intrínseca que se estabelece entre comunicação, sociedade e tecnologia, na qual se observa maior interatividade dos receptores. O texto é claro: “Os atores sociais, com as novas tecnologias, não são mais passivos”. A questão sobre a Internet foi de muita importância para os conferencistas do FSM II, assim como serviu de pauta para alguns seminários, uma vez que se sabe que grande parte das redes que se apresentam de forma presencial nos eventos promovidos pela organização do Fórum são amplamente divulgadas através do ciberespaço (os endereços eletrônicos estão citados neste capítulo).

Devido ao seu caráter de autonomia e livre expressão, a rede mundial de computadores ocupa uma função primordial nos tempos atuais para a agregação de indivíduos, engajados em distintas causas, por todo o globo terrestre. Pode-se até mesmo dizer que o FSM faz parte da cibercultura, isto é, uma nova forma de cultura viável a partir do desenvolvimento das novas tecnologias da informática.

“As mudanças que vemos hoje no mundo, como o próprio FSM, não seriam possíveis sem a Internet”. Considera-se essa a frase principal do material selecionado porque, além de indicar a relevância do papel da Internet, observa-se que a tecnossocialidade é uma realidade no evento, uma vez que as pessoas se comunicam e trocam idéias no ciberespaço.

A Internet foi apontada como o meio mais eficaz para a produção da contra-informação. Todavia, ressaltou-se que o meio não é suficientemente seguro: deve-se ter cuidado com a divulgação da verdade, desafios inerente a esse meio, pois não há princípio que assegure veracidade.

Para finalizar a análise sobre o imaginário tecnológico do Fórum Social Mundial II e, ao mesmo tempo, justificar a importância desta pesquisa, ressalta-se a conclusão a que se chegou ao final do estudo acerca das conferências selecionadas.



Conforme parte do discurso, segundo a qual “a comunicação tem-se convertido em um dos setores mais dinâmicos, com profundas repercussões em todas as ordens da vida social, qualquer implicação social deve levar em consideração os aspectos comunicacionais”, a mídia e o universo da informação têm papel fundamental na construção da sociedade contemporânea.

É preciso aceitar a realidade de que os novos e os antigos media executam o interesse de proliferação de um pensamento único, do qual já se falou, mas faz-se igualmente necessário reconhecer as infinitas possibilidades das novas tecnologias, sobretudo a Internet.

Considerações finais

É verdade que não há como controlar completamente o ciberespaço, ao menos por enquanto, o que pode ser bom ou ruim. O que se pretendeu analisar neste capítulo foi como o FSM II se relaciona com as tecnologias do imaginário, chegando-se à provisória afirmação de que o imaginário tecnológico do FSM II pode ser visto como uma rede de comunicação pós-moderna ao retribalizar presencialmente e virtualmente tribos que se identificam e reconhecem o outro. Grupos e indivíduos que têm seus distintos ideais comunitários ou democráticos e, sobretudo, que acreditam na importância de sua participação numa sociedade democrática, que permite o desenvolvimento dos meios de comunicação e, assim, abre uma brecha contra a homogeneização do pensamento dominante.

Mais do que em qualquer outro momento da história da humanidade, as aldeias que formam a imensa “aldeia global” têm espaço para compartilhar seus sentimentos e expandir os aspectos de socialidade que caracterizam a nascente sociedade pós-moderna.

Graças às novas possibilidades abertas pelas tecnologias telemáticas, comunidades planetárias podem formar-se a partir de interesses comuns e gostos compartilhados. A relação é, neste sentido, mais empática do que contratual. Vemos, assim, crescer sob os nossos olhos uma ética da estética eletrônica que mostra que, na cibercultura, a dimensão social agregadora é um dos fatores mais importantes de seu desenvolvimento (LEMOS, 2002: 165).

O FSM II parece ser uma rede que promove o encontro presencial entre a diversidade de participantes, os quais trocam experiências, idéias e afetos, sem que haja apenas um acordo



racional entre as partes e, igualmente, uma rede que utiliza a tecnologia, sobretudo a Internet, a fim de expandir sua comunicação e seu aspecto de socialidade para o ciberespaço.

Quem sabe o Fórum Social Mundial, na representação de www.forumsocialmundial.org.br, em companhia dos demais *sites* que estão linkados na sua página, e principalmente as tribos, politizadas ou não, que surfam pelo universo virtual em busca de participar do debate promovido pelo Fórum, estejam ampliando a socialidade presencial para a tecnossocialidade, configurando assim uma espécie de ágora democrática desterritorializada?



Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Elfos, 1995.
- _____. **À sombra das maiorias silenciosas. O fim do social e o surgimento das massas**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. **A troca impossível**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- _____. **As estratégias fatais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- _____. **Tela total. Mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____. **Transparência do mal. Ensaio sobre os fenômenos extremos**. São Paulo: Papirus, 1990.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- _____. **A máquina universo: Criação, cognição e cultura informática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- _____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001a.
- _____. **A violência totalitária: ensaios de antropologia política**. Porto Alegre: Sulina, 2001b.
- _____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- _____. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **O conhecimento comum. Compêndio de sociologia compreensiva**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. da. **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 1999.
- MATELLART, Armand. **A globalização da comunicação**. Bauru: EDUSC, 2000.



____. **História da utopia planetária.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1964.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

____. **As duas globalizações.** Porto Alegre: Sulina, 2001.

____. **O Método 3. O conhecimento do conhecimento.** Porto Alegre: Sulina, 1999.

____. **O Método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização.** Porto Alegre: Sulina, 1998.

____; KERN, Brigitte Anne. **Terra pátria.** Porto Alegre: Sulina, 2000.

REVISTA FAMECOS: MÍDIA, CULTURA E TECNOLOGIA. Entrevista “O imaginário é uma realidade”, com Michel Maffesoli. Porto Alegre, p.74-81, agosto de 2001.

SILVA, Juremir Machado da. **Muito além da liberdade.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991.

____. **O pensamento do fim do século.** Porto Alegre: L&PM, 1993.

Internet

www.forumsocialmundial.org.br

www.terra.com.br

www.cse.ufisc.br